

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELA DE TOLEDO RIBAS

ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS EM ECONOMIA SOLIDÁRIA E SAÚDE
MENTAL

SANTOS

2020

GABRIELA DE TOLEDO RIBAS

**ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS EM ECONOMIA SOLIDÁRIA E SAÚDE
MENTAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
em Psicologia da Universidade Federal de
São Paulo. Orientadora: Maria Inês Badaró
Moreira

SANTOS

2020

“Preciso amar atento

Atendo pra não ceder por dentro

Por dentro que está

Por dentro que palpita aqui por dentro

Amar jamais será demais

E equilibrar

[...]

Não há porque viver

Se não pra crer e ser crescendo sendo

[...]

Não há porque amar

Se não pra semear conhecimento”

Crer-Sendo - Castello Branco

AGRADECIMENTOS

À Universidade Pública, que tem sofrido muito nos últimos tempos, mas que com a construção de muitos me forneceu uma educação de qualidade.

À minha orientadora, Maria Inês, por ter sido uma grande mentora em muitos momentos da minha graduação, sempre me impulsionando e por ter topado a orientação desse trabalho em meio à todas as adversidades por mim apresentadas.

À minha mãe e ao meu pai, por possibilitarem à minha graduação e por sempre me apoiarem em meus projetos.

Ao meu irmão, Matheus, pelo companheirismo, conselhos e suporte, mesmo que de longe.

E ao meu irmão que a universidade me proporcionou, Neto, por trilhar o caminho da graduação junto comigo e me fortalecer no exercício da profissão - ainda que na graduação.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de Psicologia trata de uma revisão bibliográfica sobre experiências em economia solidária e saúde mental. O material encontrado foi classificado em eixos temáticos, assim relacionados: Economia Solidária, Economia Solidária e Saúde Mental, Práticas em Economia Solidária, Economia Solidária no Campo e Intersetorialidade. Realizou-se uma análise sobre a importância da Economia Solidária na Saúde Mental. Posteriormente apontou-se os desafios em relação a manutenção destas práticas e o valor atribuído a estas práticas de solidariedade. Por fim, conclui que a Economia Solidária possibilitou com que mais pessoas tivessem diferentes acessos, ampliando assim, a autonomia dessas.

Palavras-chave: saúde mental, reforma psiquiátrica, economia solidária, trabalho.

ABSTRACT

This work concluding the Psychology course deals with a bibliographic review on experiences in solidarity economy and mental health. The material found was classified in thematic axes, as follows: Solidary Economy, Solidary Economy and Mental Health, Solidary Economy Practices, Solidary Economy in the Field and Intersectoriality. An analysis was carried out on the importance of the Solidarity Economy in Mental Health. Subsequently, the challenges in relation to maintaining these practices and the value attributed to these solidarity practices were pointed out. Finally, it concludes that the Solidarity Economy made it possible for more people to have different accesses, thus expanding autonomy.

Key Words: Mental Health, psychiatric reform, solidary economy, work.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo Geral	13
2.2 Objetivos Específicos	13
3. METODOLOGIA	14
4. RESULTADOS	15
5. DISCUSSÃO	17
6. A ECONOMIA SOLIDÁRIA NA ATUALIDADE	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
8. BIBLIOGRAFIA	27

APRESENTAÇÃO

Cresci em uma família de ascensão para a classe média. Meus avós foram muito pobres e meus pais os primeiros a entrarem na universidade. Fui a primeira geração a estudar em escola particular da minha família, que sempre teve o cuidado de me apresentar as possibilidades que me foram oferecidas por conta do esforço das gerações anteriores.

Acredito que por conta disso, fui formando uma visão um pouco mais ampla das desigualdades e questões sociais do Brasil e do mundo.

Entrei na universidade com 17 anos. Logo após a greve das universidades federais de 2013. Foi um grande momento de paralisação e envolvimento político e social dos estudantes universitários, principalmente das federais. As aulas começaram meses atrasadas, com os alunos de anos anteriores muito comovidos negativamente com os acontecidos e poucos ganhos com a greve, naquele momento, para o nosso Campus. Mas aquelas greves haviam movimentado o Brasil inteiro e conquistado muita visibilidade. Eu entrei com muita gana de conhecer o movimento estudantil que acontecia por lá. Desde os meus 14, 15 anos já havia sido tocada pelas questões sociais e me envolvido em movimentos políticos e estudantis.

O primeiro ano na universidade me fez acreditar que a psicologia talvez não fosse o caminho pelo qual eu deveria optar, aquele momento a carga biológica era muito grande e a social muito pequena. E esse não era o meu interesse, apesar de sempre ter tido a consciência de que a Psicologia é uma ciência da saúde, eu não tinha interesse, naquele momento, em atuar nesse sentido. Ainda assim, optei por insistir, sabendo do grande prestígio que o curso de Psicologia da UNIFESP tem.

Foi então que no terceiro ano, já envolvida em questões políticas do movimento estudantil da universidade e da cidade de Santos, que eu tive o meu primeiro encontro acadêmico com a Saúde Mental. Já estava também um pouco mais madura com a minha visão da profissão e das psicologias enquanto ciência. Já nas primeiras aulas eu entendi que aquele poderia ser o meu papel na profissão, não só, mas principalmente. Poder utilizar do meu conhecimento e lugar social e acadêmico para possibilitar melhores condições de vida e de existência para as pessoas já era de meu interesse desde adolescente e naquele momento eu entendi que o profissional de saúde mental pode ser muito potente, desde que atue para o interesse da pessoa que está em situação de vulnerabilidade na relação.

Segui pelo caminho da Saúde Mental, cursei todas as matérias que me foram oferecidas nessa área, me envolvi no projeto de extensão, onde tive mais contato com a prática, conheci muitas pessoas, sendo elas profissionais ou usuários da saúde mental e percebi a potência e a impotência do profissional e do serviço de Saúde Mental, principalmente na cidade de Santos.

Tive os primeiros contatos com os impasses da profissão, do Estado e das políticas de Saúde. Fui cada vez mais amadurecendo e conhecendo a profissional que eu estou me tornando em todo esse processo. Fiz estágio em um CAPS de Santos. Onde me aprofundi muito mais nessas questões e estreitei as minhas relações profissionais, seja com (futuros) colegas de profissão e atuação ou com usuários da RAPS (Rede de Atenção Psicossocial).

Hoje estou num momento de retorno a universidade, com a escrita deste trabalho. O interesse pela saúde mental e pela independência das pessoas, seja qual for a condição social e de saúde em que se encontra sempre me acompanhou de diversas formas. Mas a realidade da minha vida pessoal fez com que a necessidade de trabalhar aparecesse e eu acabei me afastando da universidade por alguns anos.

Nesse retorno, após ter um pouco de prática no mundo do trabalho, apesar de não relacionado com a área da saúde me fez amadurecer ainda mais a profissional que eu tenho vontade de ser enquanto psicóloga. Me fez entender na prática a importância do trabalho na organização social, financeira e psíquica da vida de uma pessoa. E com isso acredito que ser uma melhor profissional na área da Saúde Mental.

É dessa forma, que eu cheguei até a Economia Solidária. Pois é um conhecimento muito importante para a Saúde Mental, e também possibilita diversas formas de geração de renda, de trabalho e de organização social, juntando muitas das minhas áreas de interesse.

1. INTRODUÇÃO

1.1 - Breve história da Loucura

Em toda a história da humanidade há registros da existência dos chamados loucos.

Desde a Modernidade, com a criação do que hoje chamamos de medicina, definiu-se a loucura enquanto doença, portanto há um lugar para tratar dela. No Séc XVII, com a criação dos Hospitais Gerais, a loucura passou a ser isolada com a intenção de tratamento, como propõe Philippe Pinel.

A partir daí outros dispositivos foram sendo criados com a intenção de cura a partir da dicotomia Saúde-Doença, que tem como base que saúde é a ausência de doença e que a doença se manifesta nos doentes, excluindo-se assim o indivíduo. Tratando-se da doença como um acontecimento apenas no corpo. Inicialmente os hospícios, hospitais especializados em tratar da loucura com a intenção de cura, posteriormente as comunidades terapêuticas, que existem até hoje em algumas cidades do Brasil, dentre outras.

Um outro momento, a partir de 1987, principalmente depois que os movimentos de luta antimanicomial ganharam força no país, passou-se a entender que a loucura não é uma doença, como foi tratada do séc XVII e sim um modo de existência e a partir daí os movimentos de reforma psiquiátrica e tratamento em liberdade ganham muita força, dando origem a um novo modelo de serviços de saúde pública, que entre muitas modificações, propõe a criação dos CAPS.

1.2 - Contratualidade

Uma grande questão dos usuários e trabalhadores em Saúde Mental é a reinserção social. Para Tykanori (2001) para que um usuário [dos serviços de saúde mental] obtenha autonomia, é necessário que esse tenha um poder contratual suficiente para que as suas trocas tenham valor social. Nesse sentido, não se pode confundir autonomia com dependência. Ele cita que somos todos dependentes e que para se alcançar a autonomia, há de se aumentar a quantidade de pessoas e coisas as quais dependemos. Como é possível perceber nesse trecho:

‘Entendemos autonomia como a capacidade de um indivíduo gerar normas, ordens para sua vida, conforme as diversas situações que enfrente. Assim não se trata de confundir autonomia com auto-suficiência nem com independência. Dependentes somos todos; a questão dos usuários é antes uma questão quantitativa: dependem excessivamente de apenas poucas relações/coisas. Esta situação de dependência restrita/restritiva é que diminui a sua autonomia. Somos mais autônomos quanto mais dependentes de tantas mais coisas pudermos ser; pois isso amplia as nossas possibilidades de estabelecer novas normas, novos ordenamentos para a vida’.

Um dos principais pontos para estabelecer essa dependência de mais coisas, é o trabalho, como diz Saraceno, esse é uma das três bases para a reabilitação psicossocial, juntamente com as relações e a moradia. Uma alternativa para que essas pessoas em sofrimento psíquico tivessem acesso ao trabalho foram as iniciativas em Economia Solidária.

O lugar do trabalho na Economia Solidária, além de terapêutico, é aproximar todas as pessoas envolvidas de quantos mais processos decisórios forem possíveis. Assim sendo, o trabalho ganha uma outra lógica, que não somente a de realizar uma função em troca do dinheiro. Nesse cenário é possível envolver mais as pessoas participantes em muitos mais processos e também, no caso da Saúde Mental, também oferecer acesso à essas pessoas, que muitas vezes não conseguem nenhum trabalho formal.

1.3 - Trabalho e Loucura

A relação entre trabalho e loucura passou por diversos entendimentos. Inicialmente o trabalho era realizado como ocupação, somente para que, naquele momento, os doentes - como eram tratadas as pessoas em sofrimento psíquico - não ficassem sem ter o que fazer e também realizassem alguma atividade que era necessária no local onde conviviam.

Com o surgimento da psiquiatria, o trabalho começa a ocupar um espaço de cura, para ajudar a organizar os pensamentos. Nos movimentos de reforma psiquiátrica o trabalho

começa a ter uma ocupação terapêutica de ressocialização e de inserção social. No Brasil, ganha bastante força com a Nise da Silveira, que acredita que o trabalho é um importante recurso terapêutico.

1.4 - Economia Solidária

A Economia Solidária é um movimento social, inicialmente trabalhista, que se coloca em contraposição à Economia Capitalista. Leva em consideração a solidariedade no lugar da competitividade. Para Singer (2003), a economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual (Singer, 2003, p. 10). Os empreendimentos solidários, como são conhecidos, são regulados a partir da autogestão e envolve a participação de todos os níveis que aquele empreendimento possuir.

Ainda complementa Singer (2003), esses passam a ser os espaços para os ‘inimpreáveis’, pessoas as quais tiveram tantas ‘derrotas’ que ninguém mais quer empregá-los. E esse, muitas das vezes, acaba sendo o lugar dos loucos. Por esse motivo, o movimento da Reforma Psiquiátrica, que teve início no Brasil a partir de 1987 leva em consideração esse modelo de negócio como uma alternativa para o emprego e sustentabilidade financeira para, naquele momento, os usuários dos serviços de saúde mental. (Elaboração de política pública intersetorial de inclusão social pelo trabalho).

1.5. O Filme É Possível - Si Puo Fare (2008)

No filme Si Puo Fare vemos o surgimento de uma cooperativa de trabalhadores, fundada por Gigio e pessoas que são ex-pacientes de hospitais psiquiátricos. Nessa cooperativa, eles decidem qual é o tipo de atividade que irão realizar, por meio de assembléias no qual todos têm a mesma voz e voto. Eles decidem, depois de algumas experiências, que irão reformar algumas casas, principalmente os pisos.

Todos eles enfrentam estigmas das pessoas por não serem considerados pessoas aptas ou pessoas que representassem segurança nesse tipo de serviço. Inicialmente algumas pessoas contratam os serviços na intenção de ajudá-los somente. Mas com algumas experiências eles

vão se demonstrando bons profissionais e conseguem cada vez mais trabalhos, contratados por aquelas pessoas que antes os estigmatizavam.

Uma questão, também importante, é que eles são assalariados desde o primeiro momento, o que fez com que eles pudessem iniciar um processo de autonomia. Mas neste momento todos eles ainda estavam numa relação ainda muito forte com a lógica manicomial.

Apesar de já terem sido extintos, os manicômios na Itália, na época em que se passa o filme, ele retrata a forma como as pessoas tratavam - e em muitas situações ainda tratam - as pessoas que antes lá estavam. Eles ainda eram muito medicalizados, o que os deixava muitas vezes inertes e sem tem autonomia com relação a maioria das próprias escolhas. Nello, que foi escolhido como o representante do sindicato, começou a perceber essa relação dessas pessoas com o medicamento e foi, cada vez mais incentivando uma diferente relação - de ressocialização -, que naquele momento já era possível, uma vez que já era notável a melhora no quadro clínico dos ex-pacientes, por conta da organização que o trabalho trouxe, além de terem mais contatos com diferentes pessoas e se virem capazes de trabalhar o produzir, além de um ganho monetário, poderem ver e serem reconhecidos pelos seus feitos.

Um dos personagens, Sérgio, se apaixona por uma de suas clientes, em um trabalho que está fazendo em sua casa. Em um momento ele se declara pra ela, eles saem juntos e se beijam. Em um outro momento, eles vão a uma festa juntos. Nessa festa, ele, acompanhado de um outro colega do sindicato, viram motivo de chacota e se chateiam nessa situação - que leva a outras situações constrangedoras e delicadas, que leva Sérgio a agredir um dos participantes dessa festa.

Além disso, ele também escuta da menina que estava apaixonado, que o envolvimento dos dois não era relevante para ela. O que o deixa ainda mais chateado e se sentindo sem apoio, ele acaba se suicidando. Com essa passagem, podemos concluir que é necessário o conhecimento sobre as questões psíquicas das pessoas que estão em sofrimento, para que elas possam ser manejadas de maneira a reduzir o sofrimento, mas é muito importante que elas não sejam ignoradas e nem que se tornem a única lente com relação à essas pessoas.

Outra questão muito importante abordada pelos personagens é a questão do estigma da medicina frente ao sofrimento psíquico. No filme, o médico do então manicômio não acredita no potencial dos seus pacientes e é totalmente contra o processo de revisão e em alguns casos retirada dos remédios que eles tomavam.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Desenvolver uma revisão bibliográfica sobre Economia Solidária e Saúde Mental e estabelecer algumas relações com outros elementos como filmes e equipamentos de saúde e cultura.

2.2 Objetivos Específicos

Analisar a partir de artigos publicados em revistas científicas os efeitos na vida e na socialização de usuários de serviços de saúde mental que participam ou participaram de empreendimentos solidários como uma forma de geração de renda e processos terapêuticos.

Identificar quais temas são abordados nessas publicações e quais correlações com saúde mental.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo é denominada como revisão narrativa. Trata de uma modalidade de estudo que busca encontrar o maior número possível de artigos de um referido tema. Deste modo pretende ofertar um panorama geral do que está sendo produzido sobre o assunto. A importância de estudo como este é permitir atualizar as bases de dados e construir uma síntese do mesmo.

A pesquisa foi realizada utilizando como palavras-chave e como descritores os termos relevantes listados pelo portal Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), incluindo seus equivalentes em inglês e espanhol. Os termos encontrados foram: Economia Solidária, Saúde Mental, Saúde Mental e Economia Solidária, Geração de Renda e Trabalho.

As seguintes bases de dados foram consultadas em agosto de 2019: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LiLACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Foram encontrados 130 artigos sobre a temática após desconsiderar as publicações do ano 2004 a 2019 em inglês.

Os artigos remanescentes foram separados em eixos temáticos a partir da leitura de seus resumos. Assim destacados: Economia Solidária, Economia Solidária e Saúde Mental, Práticas em Economia Solidária e Economia Solidária no campo.

4. RESULTADOS

Esta busca gerou um total de 130 resultados não duplicados.

A diferença na quantidade de resultados listados ocorre, pois, ao excluir duplicatas, apenas a listagem mais antiga foi mantida, refletindo somente a ordem em que tais bases de dados foram consultadas não correspondendo necessariamente a quantidade de publicações disponíveis em cada uma.

Destes, apenas 27 tinham o texto integral disponível. Os 27 resumos foram lidos e filtrados. Assim foi possível categorizar e subdividir nos eixos acima descritos.

A seguir um quadro que define os eixos e a quantidade de publicações em cada um dos eixos encontrados, de 10 artigos selecionados para serem tratados nesse trabalho. Destacamos 5 eixos temáticos assim, listados: Economia Solidária, Economia Solidária e Saúde Mental, Práticas em Economia Solidária, Economia Solidária no Campo e Intersetorialidade.

Quadro 1 – Definições de eixos temáticos

Eixo temático	Quantidade de Publicações	Definição do eixo
Economia Solidária	4	O que é a economia solidária
Economia Solidária e Saúde Mental	5	Economia Solidária como estratégia para lidar com questões da Saúde Mental.
Práticas em Economia Solidária	3	Como a economia solidária tem se desenvolvido
Economia Solidária no Campo	1	Produção Rural e Comercialização a partir da Economia Solidária
Intersetorialidade	1	Como o funciona articulação da Economia solidária com outros serviços além dos de Saúde Mental

O quadro 1 é referente a divisão de eixos temáticos que foi realizada com os artigos, o número de artigos que abordam os eixos definidos (podendo um artigo abordar mais de um eixo) e a definição de cada eixo.

O quadro a seguir destaca o título de cada um dos artigos e o ano de publicação. Os artigos incluídos na tabela a seguir contendo nome e ano de publicação, estão organizados por ano de publicação.

Quadro 2 – Artigos e ano de publicação

Título Do Artigo	Ano de publicação
Dimensões e tendências da economia solidária no Brasil	2019
Economia solidária e reabilitação vocacional no campo da drogadição: possibilidades e limites das práticas atuais	2017
A economia solidária na inclusão social de usuários de álcool e outras drogas: reflexões a partir da análise de experiências em Minas Gerais e São Paulo	2013
Loucura e trabalho no encontro entre saúde mental e economia solidária	2013
ARTICULAÇÃO SAÚDE MENTAL E ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE PROJETO DE INCLUSÃO SOCIAL	2012
O significado do trabalho para usuários de serviços de saúde mental inseridos em projetos de geração de renda vinculados ou não ao movimento da economia solidária	2012
Empresa social e economia solidária: perspectivas no campo da inserção laboral de portadores de transtorno mental	2011
Saúde mental e economia solidária: a família na inclusão pelo trabalho	2011
Saúde mental e economia solidária: análise das relações de trabalho em uma cooperativa de confecção de Porto Alegre	2006
A economia solidária como política pública : uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil	2005

Nesse quadro estão listados os artigos que foram considerados mais relevantes para a construção do debate. São 10 artigos de 2005 a 2019.

5. DISCUSSÃO

Todos os artigos lidos que relacionam a Saúde Mental com a Economia Solidária citam da relação que a Saúde Mental sempre construiu com o trabalho, que foi se modificando ao longo do tempo. Alguns citam que o trabalho inicialmente era tido como laboral, onde a intenção era impedir a ociosidade. Posteriormente adquiriu o caráter terapêutico e mais recentemente está sendo construída a importância do trabalho na produção de autonomia social e financeira.

O artigo Loucura e Trabalho no Encontro entre Saúde Mental e Economia Solidária ainda cita o conceito de trabalho emancipado, que é o que as iniciativas em Economia Solidária propõe e promovem. Um trabalho emancipatório que considera a importância de satisfazer as necessidades humanas de vida, comunidade, reciprocidade e solidariedade (Arruda, 2003).

O artigo Saúde mental e economia solidária: análise das relações de trabalho em uma cooperativa de confecção de Porto Alegre cita uma experiência em Saúde Mental de produção que teve início como uma oficina realizada por um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) da cidade de Porto Alegre e posteriormente se desvinculou do serviço de saúde e se manteve ativo. Esse é o relato de uma experiência bem sucedida, que conquistou a emancipação dessas pessoas a partir do trabalho.

Um importante ponto de partida citado pelo artigo “Empresa social e economia solidária: perspectivas no campo da inserção laboral de portadores de transtorno mental” é a desinstitucionalização e a forma como esse, na época de sua aplicação, novo modelo foi importante para uma nova perspectiva sobre o trabalho no campo da Saúde Mental e como esse pode ser uma ferramenta importante de desenvolvimento das relações e da autonomia. Desenvolve que o que postulou Rotelli, que o trabalho é uma das chaves mais importantes para esse processo de ampliação de possibilidades para as pessoas em sofrimento mental.

Esse mesmo artigo cita uma forma comum de viabilizar o trabalho como produção de sentido ao invés do trabalho terapêutico na Saúde Mental são criação de cooperativas. Esse modelo é ilustrado, também, no filme Si Puo Fare, como já citado anteriormente.

Esse mesmo artigo (Empresa Social e Economia Solidária) destaca que há uma crescente pesquisa e publicação acerca do tema da Economia Solidária no Brasil. E é notável esse aumento nos últimos anos, realmente, principalmente a partir de 2004, quando a Economia Solidária se insere nas políticas públicas de inclusão. Com o aumento das pesquisas e estudos na área, vemos também, o aumento das iniciativas, em alguns campos, onde há a presença de pessoas acadêmicas, como nos serviços de saúde, por exemplo.

Mas ainda encontra-se bastante dificuldade de inserir esse debate de forma acadêmica nas comunidades e outros lugares que são diretamente afetados com a produção desses estudos. Dessa forma, nota-se também a importância do conhecimento produzido a partir da vivência das pessoas.

Incluir a Economia Solidária em serviços de saúde mental para promover a inclusão social de usuários e frequentadores dos serviços é uma prática muito recente e que enfrenta muitos desafios. Em 2004 o Ministério da Saúde deu início a uma parceria e com a Secretaria Nacional de Economia Solidária iniciando um processo de pesquisa e inserção dessa discussão na rede de saúde pública nacional. Somente a partir daí, que passou a ser parte da política pública a promoção de atividades de geração de renda para os usuários, que levasse em consideração a promoção da autonomia social e financeira. E em consequência as publicações e iniciativas também começaram a ser um pouco mais frequentes.

Antes desse processo o trabalho utilizado somente como prática terapêutica, para o cuidado de si e não promovia a autonomia do indivíduo. O artigo Loucura e trabalho no encontro entre saúde mental e economia solidária propõe que com a articulação entre Saúde Mental e Economia Solidária, o trabalho ganha uma outra conotação, que é a do mundo das trocas simbólicas e materiais, fazendo com que essas pessoas assumam a condição de cidadãos nas relações de produção e reprodução da vida pela via da convivência social (2013).

A importância de considerar a prática da Economia Solidária nesse contexto é super importante, pois é uma prática que surge com o intuito de democratizar a tomada de decisões nas iniciativas em que são aplicadas, fazendo com que as pessoas tenham uma visão mais ampla dos processos e das relações envolvidas, não só no âmbito financeiro, mas também no nos processos envolvidos em cada uma das atividades que forem propostas a se desenvolver.

É uma concepção bastante importante e necessária cada vez mais no mundo em que vivemos, não somente quando se trata de Saúde Mental. É necessária uma construção das

relações diferente da hegemônica em que há uma hierarquia social e quase nenhuma ascensão das pessoas em desvantagem social.

O desafio de se desenvolver esse tipo de iniciativa é, inclusive, o motivo pelo qual ela é importante. A hegemonia social e financeira que está estabelecida em nossa sociedade no momento. Há pouca produção de conhecimento sobre o assunto e é uma discussão muito recente, pois não é uma área de conhecimento que tenha muitos incentivos financeiros e por parte de muitas áreas do conhecimento. O que faz com que o seu desenvolvimento e aplicação sejam mais lentos e difíceis.

Outra dificuldade enfrentada, também, pelas áreas que aplicam a desenvolvem esse tipo de conhecimento, como por exemplo a saúde, o Campo quando se diz respeito a pequenos agricultores e agricultura familiar, poucas comunidades em geral com muita dificuldade de acesso (financeiro, à cultura, ao lazer) e algumas iniciativas no campo de gênero e feminismo, é perseverar nesse modo de relação, não tendo nenhum incentivo.

O movimento da Reforma Psiquiátrica também é um marco muito importante citado pela maioria dos artigos. Ele se deu inicialmente na Itália, seguido pela França e o Brasil, cada um com as particularidades de acordo com as necessidades de cada um dos países no momento em que se deu cada uma das reformas. Mas todas elas são marcadas por grandes modificações na concepção da loucura e do tratamento para as pessoas em sofrimento psíquico. É nesse momento, no Brasil que começam a surgir as iniciativas na saúde em relação com economia solidária.

Tendo em vista a necessidade de articular estes conhecimentos destacamos os cinco eixos encontrados e os artigos que deles fazem parte em breve análise de cada um dos eixos.

5.1. Economia Solidária

Sobre os conceitos de Economia solidária encontramos 4 artigos.

O artigo “O significado do trabalho para usuários de serviços de saúde mental inseridos em projetos de geração de renda vinculados ou não ao movimento da economia solidária” define Economia Solidária como “uma outra economia, que contrapõe-se ao capitalismo principalmente por conceber a possibilidade de geração de trabalho e renda para

uma parcela da população que se encontra excluída da sociedade.” Cortegoso, Cia e Lucas (2008) APUD Lussi e Morato (2012).

Andrade, Burali, Vida e Fransozio (2013) utilizam da definição de Singer (2003) para a Economia Solidária e é tida como o conjunto de atividades econômicas – de produção, comercialização, consumo, poupança e crédito – organizadas sob a forma de autogestão, isto é, pela propriedade coletiva do capital e pela participação democrática (uma cabeça, um voto) nas decisões dos membros da entidade promotora da atividade. Essa mesma definição é também utilizada por

Podemos considerar essas definições como complementares, uma vez que uma forma de produção, comercialização, consumo, poupança e crédito organizadas sob a forma de autogestão são formas que se contrapõe ao capitalismo.

O artigo dimensões e tendências da Economia Solidária no Brasil trata sobre Empreendimentos econômicos solidários (EES), que são organizações suprafamiliares, com ao menos dois associados, e atuação econômica permanente, sob a forma de associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de troca etc., cujos participantes realizassem coletivamente a gestão das atividades e decidissem sobre a alocação dos seus resultados como dito por GAYGER E KUYNVEN (2019). Esses requisitos foram colocados pela Secretaria Nacional de Economia Solidária, para a formação de um banco de dados das EES em todo o Brasil, permitindo o acompanhamento.

Os EES são unidades de atuação que utilizam das premissas da Economia Solidária antes postuladas para a sua atuação.

Como pode-se observar há várias definições sobre o que é a Economia Solidária e para Lopes, Oliveira e de Paula (2013) elas têm muito em comum que definem como um caminho alternativo, capaz de possibilitar aos envolvidos a vivência da imersão de dimensões sociais – e, aqui, leiam-se: laços sociais, solidariedade e ajuda mútua – no campo econômico.

5.2. Economia Solidária e Saúde Mental

A partir do movimento da reforma psiquiátrica brasileira, que tem o marco histórico com a publicação da Carta de Bauru, produzida por trabalhadores da rede de Saúde Mental no

II Encontro Nacional de Trabalhadores da Rede de Saúde Mental em 1987, o trabalho passou a ser um importante tema de discussão no âmbito da Saúde Mental, no sentido de produção de independência e geração de renda. E a partir dessa discussão começa-se a desenhar um encontro entre a Saúde Mental e a Economia Solidária.

Um ponto de encontro muito importante da Saúde Mental e da Economia Solidária no Brasil foi a articulação entre o Ministério da Saúde e a Secretaria Nacional de Economia Solidária, em 2004. Esse movimento é citado nos artigos “O significado do trabalho para usuários de serviços de saúde mental inseridos em projetos de geração de renda vinculados ou não ao movimento da economia solidária”, “Loucura e Trabalho no Encontro entre Saúde Mental e Economia Solidária”, Economia solidária e reabilitação vocacional no campo da drogadição: possibilidades e limites das práticas atuais, A economia solidária na inclusão social de usuários de álcool e outras drogas: reflexões a partir da análise de experiências em Minas Gerais e São Paulo.

5.3 Práticas em Economia Solidária

Pedroza, Oliveira, Fortunato e Soares (2012) no artigo “ARTICULAÇÃO SAÚDE MENTAL E ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE PROJETO DE INCLUSÃO SOCIAL” falam sobre o relato da experiência que foi desenvolvida em um CAPS em Cajazeiras em Pernambuco. A proposta foi de realizar oficinas com os usuários do serviço de saúde para a produção de artesanatos dentre eles cadernos, marcadores de livros, bolsas, entre outros, para a comercialização e promoção de atividade com sentido e renda. A atividade foi positiva no sentido de conquistas psicossociais, como descrito no trecho:

“Percebe-se então que as atividades para entreter, passar o tempo de forma prazerosa, cuja intenção é fazer com que o indivíduo adquira recursos psicoafetivos e cognitivos para que possa reproduzir suas habilidades no meio social, também podem ser realizadas dentro de um serviço substitutivo”

Mas citam também que tiveram dificuldades no sentido de comercialização dos produtos, que foi possível somente a venda parcial, uma hipótese é sobre a falta de apoio da comunidade em

colaborar com o verdadeiro valor social do artesanato produzido pelos usuários do CAPS. (2012).

Já no artigo A economia solidária na inclusão social de usuários de álcool e outras drogas: reflexões a partir da análise de experiências em Minas Gerais e São Paulo, Barreto, Lopes e de Paula tratam sobre as especificidades que a atuação no campo da drogadicção possuem, pois a inserção no mundo do trabalho, mesmo que por meio da economia solidária é bem mais difícil, por conta do estigma que sofrem ainda mais na sociedade. Bonadio, Silveira (2013) tratam também sobre a importância da reabilitação vocacional para essas pessoas, que é um suporte disponibilizado para auxiliar pessoas em tratamento, por diversas condições crônicas, a buscar e manter uma atividade ocupacional (2013), e é um dos meios mais efetivos de promover o retorno do dependente químico ao mundo do trabalho.

5.4. Economia Solidária no Campo

O artigo “Dimensões e tendência da Economia Solidária no Brasil” descreve e analisa as iniciativas no campo. Essas iniciativas são, desde antes do surgimento desse entendimento mas com análise posterior identificados como movimentos de Economia Solidária e se mantém até hoje, o maior número de iniciativas que foram identificadas e essas são em sua maioria produções familiares. Para Gayger e Kuyven (2019) isso se dá por conta do caráter coletivo desse tipo de produção, que já são “práticas costumeiras e alimentam a noção de um projeto coletivo comum e provocam distanciamento do mundo urbano e moderno, com seus modelos culturais e sua mentalidade utilitarista”.

5.5 Intersetorialidade

Um dos maiores desafios tem sido a articulação dos serviços dos diferentes setores no sentido de promover e fortalecer as iniciativas da Economia Solidária. Pedroza, Oliveira, Fortunato e Soares (2012) destacam da importância que o apoio da Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos e Solidários (IUEES), criada em 2008 na cidade de

Campina Grande - PB, sendo apoiada e financiada com recursos da Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente (SECTMA) e pela Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ) (2012) tiveram para a realização do projeto que desenvolveram em um CAPS na Paraíba. Somente com o apoio de outros serviços de diferentes áreas que foi possível a realização do projeto, comprovando então a importância do apoio de diversas áreas de trabalho, bem como da sociedade civil em temas como esses.

6. A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A ATUALIDADE

Na Cidade de São Paulo é possível observar algumas iniciativas em Economia Solidária que trazem resultados bastante importantes na comunidade e na vida das pessoas envolvidas.

A Agência Solano Trindade é um importante exemplo de apropriação da economia solidária e criativa em prol de uma comunidade. É uma proposta criada na Zona Sul da cidade de São Paulo, com a intenção de fomentar e motivar a criação de espaços, produtos e serviços culturais na região, promovendo a viabilização financeira dessas iniciativas. Com atualmente 117 empreendimentos cadastrados, somente na região do Campo Limpo, Capão Redondo e Adjacências, estão cada vez mais ganhando espaço em toda a cidade de São Paulo.

O Ponto Benedito é um ponto de Economia Solidária em articulação com a rede de Saúde Mental da cidade. É um ponto de comercialização de artesanatos produzidos pelas oficinas e iniciativas de alguns serviços de saúde, mas também de outras iniciativas que vão de encontro com a proposta do Ponto. É também um espaço de promoção de eventos e trocas significativas de conhecimento e afeto.

Essas são iniciativas que conseguiram seu espaço nos lugares em que atuam. Mas é muito importante salientar como é difícil que os empreendimentos solidários consigam atuar de maneira autônoma, por conta da grande competição que ocorre no mercado e que muitas das pessoas que atuam nesses empreendimentos são pessoas que não preenchem os requisitos para entrar no mercado de trabalho de outras formas, marcando ainda mais a importância desses empreendimentos e iniciativas na vida dessas pessoas.

No momento atual, com a Pandemia da COVID-19, foi possível também, observar diversas movimentações de solidariedade como iniciativas individuais de pessoas ou pequenos grupos de pessoas se organizarem para doarem alimentos para famílias que tinham menos acesso ou que perderam seus empregos. Também, iniciativas de pequenos produtores que distribuíram cestas básicas de produtos orgânicos para comunidades inteiras na cidade de São Paulo.

Alguns empreendimentos como o Instituto Feira Livre, localizado na Rua General Jardim, no centro de São Paulo, que comercializa a preço de custo produtos orgânicos e de qualidade de pequenos produtores ou advindo de agricultura familiar, e cobram uma taxa de serviço a mais, para que possam continuar comercializando e remunerar seus colaboradores,

crescendo e aumentando o movimento e os pedidos. Acredito que nesse momento, algumas pessoas conseguiram observar um pouco mais as atividades ao seu redor e entender o poder da coletividade e da solidariedade na vida umas das outras.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o trabalho tem uma importância muito significativa na vida do homem, esteja ele em sofrimento psíquico ou não. É um espaço de trocas simbólicas (com outras pessoas e construção de relações) e trocas materiais com aquisição de conhecimentos e remuneração financeira.

Retomar esse processo de escrita após experienciar o mundo do trabalho foi muito importante para conseguir entender e ressignificar o trabalho em minha vida, para que não se tornasse somente uma obrigação em troca de remuneração. A aproximação com o tema da Saúde Mental e Economia Solidária ampliaram o meu conhecimento e possibilidades de estudo e atuação e também de interesses pessoais.

Uma vez que o mundo do trabalho está presente em quase todas as pessoas, acredito que o conhecimento e aproximação dessa área é de grande importância para profissionais da Psicologia como forma de conseguir entender e abordar as pessoas de forma mais integral possível.

*“Quem me dera simplesmente estar e olhar as estrelas
Sem pensar nas cruzes ou nas bandeiras
Quem dera as luzes da Via Láctea iluminassem as cabeças
E acendesse um sol em cada pessoa
Que aquecesse o sonho e secasse a mágoa
Esta terra é boa, esse povo agita
Não é à toa que a gente voa, que a gente canta e acredita”
Cruzeiro do Sul - Renato Braz*

8. BIBLIOGRAFIA

SINGER, Paul. (2003). Economia solidária. In A. D. Cattani (Org.), A outra economia (pp. 116-124). Porto Alegre: Veraz Editores

SARACENO, Benedito. Reabilitação psicossocial: uma estratégia para a passagem do milênio. In: PITTA, A. (Org.). Reabilitação psicossocial no Brasil. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2001a. p. 13-18.

KINOSHITA, Roberto Tykanori. Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: PITTA, A. (Org.). Reabilitação psicossocial no Brasil. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 55-62.

PEREIRA PEDROZA, Ariadne; BEZERRA DE OLIVEIRA, Francisca; LUCINETE FORTUNATO, Maria; CARREIRO SOARES, Perla Figueiredo. Loucura e Trabalho no Encontro entre Saúde Mental e Economia Solidária. Rev Rene, vol. 13, no. 2, 2012, pp.454-462. Redalyc, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027981022>

ANDRADE, Márcia Campos; BURALI, Maria Aparecida de Moraes; VIDA, Aline; FRANSOZIO, Michely Balladeli B.; ZAVATIN DOS SANTOS, Raquel. Loucura e Trabalho no Encontro entre Saúde Mental e Economia Solidária. Psicologia Ciência e Profissão, vol. 33, núm. 1, 2013, pp. 174-191. Redalyc, <https://www.redalyc.org/pdf/2820/282026452015.pdf>

LUSSI, Isabela Aparecida de Oliveira; MORATO, Giovana Garcia. O significado do trabalho para usuários de serviços de saúde mental inseridos em projetos de geração de renda vinculados ou não ao movimento da economia solidária. Cad Ter Ocup, vol. 20, núm. 3, 2012, pp.369-380.

Disponível

em:

<<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/681/395>

>

GAIGER, Luiz Inácio; KUYVEN, Patrícia. Dimensões e tendências da economia solidária no Brasil. Soc. estado., Brasília, v. 34, n. 3, p. 811-834, Aug. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922019000300811&lng=en&nrm=iso>

BONADIO, Alessandra Nagamine; SILVEIRA, Cássio. Economia solidária e reabilitação vocacional no campo da drogadição: possibilidades e limites das práticas atuais. Saude soc., São Paulo , v. 22, n. 1, p. 99-108, Mar. 2013 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000100010&lng=en&nrm=iso>

FILIZOLA, Carmen Lúcia Alves et al . Saúde mental e economia solidária: a família na inclusão pelo trabalho. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo , v. 45, n. 2, p. 418-425, Apr. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000200017&lng=en&nrm=iso>

LUSSI, Isabela Aparecida de Oliveira; PEREIRA, Maria Alice Ornellas. Empresa social e economia solidária: perspectivas no campo da inserção laboral de portadores de transtorno mental. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo , v. 45, n. 2, p. 515-521, Apr. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000200030&lng=en&nrm=iso>

BARRETO, R.; LOPES, F.; PAULA, A. A economia solidária na inclusão social de usuários de álcool e outras drogas: reflexões a partir da análise de experiências em Minas Gerais e São Paulo. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 16, n. 1, p. 41-56, 30 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/cpst/article/view/77741>>

<https://agenciasolanotrindade.wordpress.com/quem-somos/>